

Friedrich Nietzsche, carta do início de novembro de 1883 a Elisabeth Nietzsche em Naumburg¹²

Após o semestre acadêmico do inverno de 1878/79, o último de sua atividade universitária na Basileia, Nietzsche deu início a um período bastante conturbado de sua vida. Os anos seguintes são marcados por diversas mudanças e viagens, várias tentativas de tratamento para suas crises de saúde, assim como diversos rompimentos e reconciliações com amigos e familiares. Ainda assim, o ano de 1882 foi cheio de esperanças, principalmente no tocante ao futuro de sua amizade com Paul Rée e também com Lou von Salomé. Porém, para a infelicidade de Nietzsche, ainda no final de 1882, essas amizades começam a dar sinais de esgotamento e os planos de uma estadia conjunta de Rée, Salomé e Nietzsche para o inverno naufragam. Já em dezembro, as relações com Paul Rée e Lou von Salomé encontravam-se significativamente abaladas, assim como o relacionamento com sua mãe e irmã. Portanto, não é motivo de surpresa que, por volta de março de 1883, o filósofo alemão tenha encerrado seu contato com Rée e Salomé. Em meio a redação, finalização e publicação das primeira e segunda partes de *Assim falou Zaratustra*, Nietzsche viu-se constantemente às voltas com sua saúde e também em um desgastante jogo de rompimentos e reconciliações com suas familiares. A ligação com a irmã não melhorou significativamente e, por volta de setembro de 1883, Elisabeth contraiu noivado com o conhecido antisemita Bernhard Förster, com quem o irmão não possuía boas relações. É precisamente em meio a esse cenário profundamente difícil, mas ao mesmo tempo significativamente produtivo que Nietzsche escreve à sua irmã a carta traduzida integralmente a seguir. O conteúdo da missiva é rico em observações ligadas tanto ao momento de vida mais particular do pensador, como por exemplo a interpretação que Nietzsche dá à sua aproximação de figuras como Wagner, Schopenhauer, Rée e Salomé, quanto aos temas filosóficos de suas obras do período, como por exemplo a explanação sobre

¹ Nietzsche responde nesta carta a uma missiva anterior da irmã, cujo conteúdo específico é infelizmente desconhecido. Para essa tradução consultou-se a versão da carta publicada junto à edição *Digitale Kritische Gesamtausgabe von Nietzsches Werken und Briefen* (eKGWB) organizada por Paolo D'Iorio, baseada na edição crítica de G. Colli e M. Montinari e publicada pelo projeto *Nietzsche Source* (disponível em <<http://www.nietzschesource.org/#eKGWB/BVN-1883,471>>, acesso em 08/10/2015). Exceto por pequenas correções filológicas, o texto é idêntico ao encontrado na edição crítica impressa das cartas (*Sämtliche Briefe: Kritische Studienausgabe in 8 Bänden*. Edição organizada por G. Colli e M. Montinari. Berlim: Walter de Gruyter, 1986).

² Tradução de Fernando de Sá Moreira. Doutor em Filosofia pela Pontifícia Universidade Católica do Paraná (PUCPR), professor no IFPR, Telêmaco Borba, PR, Brasil. Email: fernando.moreira@ifpr.edu.br

o egoísmo e o não egoísmo. Por essa razão, ela configura-se como um bom material de apoio para o estudo desse período tão crucial do desenvolvimento do pensamento nietzschiano.

Carta:

<Gênova, início de novembro de 1883>

Minha querida Lhama³, até agora estava *miserável** e *repugnante* e, se lhe escrevo a respeito, não quero com isso como que solicitar que você reflita sobre receitas para me ajudar a levantar. *Eu* devo me ajudar a levantar, ninguém mais - e também devo **encontrar** minha *receita* e não permitir que me **deem** nada. (Falando por metáforas: é preciso acontecer comigo tal como com o Kali phosphoricum⁴ – eu mesmo quero *descobrir* primeiramente meu remédio. De passagem: Dr. Breiting emprega-o desde então com “decidido *sucesso*” –) Ninguém tem ideia do peso da tarefa que cai sobre mim; e se alguém a imagina aproximadamente sob a forma de um trabalho literário, p. ex. sob a forma assumida do meu Zaratustra, então causa-me isso quase náusea e um estímulo ao riso *ou* ao vômito – assim toda literatice [*Litteratur-Macherei*] é para mim “aborrecida” [„*z wider*“]; e, por fim, até mesmo o pensamento de contar entre os *escritores!* pertence às coisas que me fazem estremecer [*es mich schüttelt*]. Leia, minha querida irmã, muito apropriadamente em “Aurora” e “Gaia ciência”, nos livros mais ricos em conteúdo e futuro que existem –; em sua última carta havia diversas coisas sobre “egoísta” [*egoistisch*] e “não egoísta” [*unegoistisch*], que não deveriam mais ter sido escritas por minha irmã. Distingo sobretudo homens *fortes* e *fracos* – aqueles que são conclamados a dominar e os que o são ao servir e obedecer, à “entrega” [*Hingebung*]. O que me *repugna neste* tempo é a indescritível fraqueza, não virilidade, impessoalidade, mutabilidade, bondade de coração, em suma, a *fraqueza* do “*si*”-mesmismo [„*Selbst*“-*Sucht*]⁵

³Um dos apelidos usados por Nietzsche para se referir a sua irmã Elisabeth.

*sempre *doente*, na cama, sem ocupação, indisposto mesmo a passeios (N.A.).

⁴Trata-se de um medicamento que Nietzsche fez uso, pelo que indica o cartão-postal de Nietzsche a Paul Rée de 6 de novembro de 1881 (disponível em <<http://www.nietzschesource.org/#eKGWB/BVN-1881,166>>, acesso em 08/10/2015).

⁵O jogo de palavras que Nietzsche emprega aqui é de difícil tradução. Em termos gerais, *Selbstsucht* é um sinônimo de *Egoismus*. Ou seja, ambas podem ser vertidas para o português como “egoísmo”. No entanto, ao grifar e separar a palavra, Nietzsche cria um campo semântico impossível de reproduzir a partir da palavra de raiz latina. *Selbstsucht* é composta por dois termos independentes, o que não ocorre em *Egoismus*. O substantivo “*Sucht*” significa “vício”, “mania”, “forte exigência interna”, “forte desejo de algo” e eventualmente “doença”. Já a palavra “*selbst*” pode ser traduzida por “mesmo” ou “próprio” em expressões como “eu mesmo” (*ich selbst*) ou “para si próprio” (*für sich selbst*). Na condição de prefixo, “*Selbst*” representa um uso reflexivo semelhante ao prefixo “auto-” em português: e.g. *Selbsterhaltung* (autoconservação, autopreservação). Além disso, em alemão é possível usar o termo “*Selbst*” como um substantivo autônomo (*das Selbst*, o si-mesmo). Existe então uma riqueza semântica na expressão „*Selbst*“-*Sucht* que não equivale a uma eventual versão „Ego“-ismus. Se

que ainda gostaria de se enfeitar como “virtude”. O que me *fez bem* até agora foi a visão de homens de uma *vontade longa* – que podem silenciar ao longo de décadas e nem por isso se *ornamentar* com palavras morais pomposas – mais ou menos como “heróis” ou “nobres”, mas que são sinceros em não acreditar em nada melhor do que em seu si-mesmo [Selbst] e sua vontade, no mesmo pressionar o homem por todo, todo tempo.

Perdão! O que me atraiu em R<ichard> W<agner> foi *isso*; da mesma forma, Schopenh<aue> viveu apenas em um tal sentimento.

E mais uma vez perdão, se acrescento que *acreditei* ter encontrado um ser [Wesen] de tal tipo no ano passado, especificamente a senhorita S<alomé>; eu a **risquei** para mim quando finalmente descobri que ela não queria mais do que agir do seu jeito *cômodo*, e que a primorosa energia de sua vontade fosse direcionada apenas a um **objetivo tão modesto** – em suma, que ela, nisso, pertença à espécie de Réé. (Quero ainda acrescentar, para ser justo, que ela possui *exatamente como* Réé uma qualidade muito atraente para mim, especificamente de ser de um perfeito despudor em relação a si, aos motivos de seu agir etc. Sabe, em cada época mal vivem talvez 5 homens, que têm essa qualidade e simultaneamente espírito suficiente para poder se expressar. (A estes pertenceu Napoleão.)

Talvez, melhor do que ninguém, eu também ainda saiba estabelecer hierarquias entre os homens fortes, de acordo com *a virtude*; há certamente entre os fracos ainda *cem* tipos e bem comportados e amáveis de acordo com as virtudes que condizem aos fracos. Há “si-mesmos” [„Selbste“] **fortes**, cujo egoísmo [Selbstsucht] se gostaria de chamar de quase *divino* (p. ex. o de Zaratustra) – mas **toda força** é já em si algo de revigorante e bem-aventurado para o olhar. Leia Shakespeare: ele é cheio de tais homens fortes, de crus, duros, potentes homens-granito [Granit-Menschen]. *Nisto*, o nosso tempo é tão pobre - - - e exatamente de homens fortes, que tivessem espírito **suficiente** para *meus* pensamentos!

Pese então que a **perda** que sofri esse ano, não é pouca. – Você não pode imaginar *quão* solitário e “oculto” sempre me apresento em meio à amável tartuferia daqueles homens, os quais você denomina “bons”: p. ex. Malvida ou também Schücking, Heinze, Seydlitz etc etc e como algo em mim às vezes **grita** por uma pessoa que seja honesta e *possa* conversar,

optou aqui pela tradução “si”-mesmismo para manter a referência ao “Selbst”. Na sequência da carta, a relação de Selbst e Selbstsucht ressurge algumas vezes.

mesmo sendo um monstro, como Lou. Naturalmente, eu desejaria mais *semi-deuses* para conversar. — —

Mais uma vez perdão, escrevo isso com o mais afável dos corações e sei, verdadeiramente, o quão benevolentes são suas intenções comigo. — Ah, essa maldita “solidão”!

FN.

Stein é ainda muito jovem para mim, eu o corromperia. Por pouco, não *teria* corrompido Köselitz — em relação a ele, são necessárias 1000 reservas.

Mande-me, *como* encomenda impressa, posta-restante, o Gsell-Fels (60 dias na Itália) — Envio, o mais breve possível, *chá* paraguaio. Para o dia **16** de novembro mande um Zaratustra II a Overbeck. Lorentz, em Leipzig, *tem* mesmo a do Rhein-Museums? —⁶

Os melhores cumprimentos à minha querida mãe.

⁶O parágrafo necessita certamente de alguns esclarecimentos. Nietzsche solicita aqui o envio do livro *Italien in 60 Tagen* (Itália em 60 dias) de Theodor Gsell Fels. Ele possuiu uma cópia da segunda edição, de 1878. A expressão “posta-restante” (no original, “poste restante”) indica que a correspondência não é enviada para um endereço específico, ficando à disposição do destinatário em uma agência postal da cidade de destino. Nietzsche usou frequentemente esse método de recebimento durante suas constantes viagens e mudanças de endereço na década de 1880. Também “*unter Kreuzband*” (“entre fitas cruzadas” em uma tradução livre) À época, ela se referia a um método de envio de materiais impressos com descontos significativos em comparação ao envio tradicional. Fitas cruzadas entre si podiam ser usadas para segurar o impresso ao invés do tradicional envelope, dando origem ao nome. O dia 16 de novembro, por sua vez, era a data de aniversário de Franz Overbeck, amigo de Nietzsche. “*Rhein-Museums*” refere-se a revista *Rheinisches Museum für Philologie* que recebeu algumas contribuições de Nietzsche entre o final da década de 1860 e o início da década de 1870.